



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Alessandra Palheta Monteiro

**Conhecimentos tradicionais e transferência da informação  
em São João da Ponta, Pará**

Belém

2017

Alessandra Palheta Monteiro

**Conhecimentos tradicionais e transferência da informação  
em São João da Ponta, Pará**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof. Dra. Marise Teles Condurú

Belém

2017

#### **Dados Internacionais de Catalogação-de-Publicações (CIP)**

---

M??? Monteiro, Alessandra Palheta  
Conhecimentos tradicionais e transferência da informação em  
São João da Ponta, Pará / Alessandra Palheta Monteiro; orientadora,  
Marise Teles Condurú. - 2017.  
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de  
Biblioteconomia, Curso de Biblioteconomia, Belém, 2017.

1. Transferência da informação – São João da Ponta (PA). 2.  
Conhecimentos tradicionais – São João da Ponta (PA). I. Condurú,  
Marise Teles, orient. II. Título.

Alessandra Palheta Monteiro

**Conhecimentos tradicionais e transferência da informação  
em São João da Ponta, Pará**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará.

Data de Aprovação: 4/4/2017

Banca Examinadora:

---

Prof. Marise Teles Condurú - Orientadora  
Dra. em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Lucivaldo Vasconcelos Barros  
Pós-doutor em Ciência da Informação  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Hamilton Vieira de Oliveira  
Dr. em Ciência da Informação  
Universidade Federal do Pará

A Deus, aos meus pais Alex e Ana  
Claudia e ao meu tio Aldo Jean (*in  
memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que guiou cada passo da minha trajetória até aqui. Que me iluminou e me amou para que eu não perdesse a fé principalmente nos momentos mais tristes e difíceis desse caminhar. Agradeço a Ele por nunca ter me deixado mesmo quando eu achei que estava só e sem saída. Por ter sido bom comigo o tempo todo e ter me dado tudo que tenho hoje. Só agradecer! Amém.

Ao meu pai e melhor amigo, agradeço por todas as vezes que estive à minha frente e ao meu lado me apoiando e me protegendo. Dedicando-se a fazer da sua “princesa” (como carinhosamente sempre me chamou), uma grande mulher (que espero estar me tornando). Paizão, és o homem da minha vida! O cara mais forte e guerreiro que conheço. Que corre, luta, briga e ama de forma incondicional a mim e aos meus irmãos. Obrigada por tudo meu pai! E te dedico mais esse ciclo que está se fechando. Toda vitória minha, também é sua. “Permissão para a retirada Sr.!”. Eu te amo!

A minha mãe e melhor amiga, minha gratidão por ser o melhor exemplo de perseverança e amor. Obrigada por todos os colos, ombros e abraços. Foi no conforto do seu amor, que encontrei todas as vezes a paz. Foi com você que todas as vezes que caí, me levantei. E sei mãe, o quanto sua juventude foi difícil, todos os problemas que passastes para se tornar uma “supermulher” e mãe que é hoje. E eu tenho tanto orgulho e amor por você, que acho que nunca saberá a dimensão disso. Perdão também por todo e qualquer erro que a sua “Alê” aqui, cometeu. Dedico mais essa vitória para você também. Eu te amo!

Portanto, aos meus pais amados e meus irmãos Alex Júnior e Alexandre, dedico além desses quatro anos de faculdade, juntamente com esse trabalho de conclusão, absolutamente todas as minhas vitórias e conquistas até aqui. A vocês toda minha gratidão e amor! Obrigada por me instruírem, se dedicarem, fazerem parte da minha história e me amarem tanto. É para vocês e por vocês todo meu esforço e dedicação.

Aos meus avós Antônio, Lucila, Nelson e Iná todo meu carinho, dedicação e esforço dessa trajetória. Agradeço por todo o exemplo e sabedoria compartilhado comigo através de meus pais. E também por todo colo e carinho

de “vô” e “vó” que a mim foi dedicado, eu amo vocês de forma incondicional. Vocês fazem parte disso e essa vitória é nossa!

Padrinhos são escolhidos para fazerem parte da missão de acompanhar os pais do seu afilhado, de uma forma a fazer parte de uma família, pela fé. E não poderia ter sido escolhido de forma melhor, os padrinhos que tenho. Ao meu “dindo” e “dinda” Paulo e Selma, agradeço do fundo do meu coração por todo carinho e suporte que sempre me foi oferecido. Não medindo esforços para ajudarem meus pais nessa caminhada. Espero poder dar todo o orgulho que sempre quis dedicar a vocês. Obrigada mais uma vez por serem essas pessoas maravilhosas e incríveis que são. Agradeço também as “amigas-irmãs” que ganhei através do laço de afilhada. Camila e Ana, toda minha admiração e carinho a vocês duas. São pessoas na quais me inspiro muito e que torço para que um dia, eu seja uma profissional tão excelente como vocês são.

Aos meus tios, tias, primos, primas quero agradecer imensamente por todo o amor e torcida de sempre comigo. Por me apoiarem e vibrarem a todo momento! Cada parte desse trabalho, cada semestre, desde aquele dia que passei no vestibular (daquela nossa festa maravilhosa), dedico também a vocês!! Todo meu amor e gratidão a cada um, amo todos de forma incondicional.

Existem os amigos, os melhores amigos, os irmãos... Mas é difícil existir unicamente tudo isso em uma só pessoa. Algo árduo, mas que eu tive a sorte na vida de ter esse “ser” de forma fácil, cedo e tão pertinho de mim. Thaís, me conheces como ninguém. Sabes exatamente de cada passo meu. Vibras minhas glórias, choras minhas derrotas e me ama o quanto eu te amo também. Nunca arredou o pé ou se afastou de mim por qualquer motivo que fosse. Meu amor, eu queria poder te dedicar mais que isso sabe? Gostaria de te dar todo o orgulho e alegria desse mundo e poder te ver sempre extremamente feliz comigo. Nosso laço vai muito além do sangue, somos muito além de simples primas. Somos companheiras, amigas, irmãs e parceiras. Somos tudo. Nos completamos e nos amamos a cada dia mais e só tenho de agradecer a Deus por tudo isso. Dedico mais esse ciclo que se encerra na minha vida, te agradecendo do fundo do meu coração por tudo que fostes e é para mim. Muito mais amor e “worth it” para gente. Eu te amo!

Dedico também esse trabalho aquelas pessoas que tornaram a batalha diária mais leve. Aos amigos mais engraçados, parceiros, carinhosos e generosos que alguém poderia ter.

Aos meus melhores amigos do tempo da escola Lucas e Ana Carolina, todo o meu amor e amizade eterna a vocês. Essa vitória é toda nossa! Obrigada por tudo. Amo muitos vocês dois!

A minha parceira de faculdade, minha Dalyta, obrigada por toda parceria e dedicação nesses quatro anos. Todo o nosso esforço, nossas lidas, nossos choros, valeram a pena! Me sinto honrada de tê-la na minha vida e te agradeço imensamente por toda a amizade dedicada a mim nesses anos. Vai ser para sempre! Eu prometo. Amo você.

Fabi, Betinha e Renatinha que quarteto nós formamos hein?! Minhas bicolores mais lindas, quero agradecer por absolutamente tudo. Por todas as gargalhadas, brincadeiras, saídas, ombros e colos amigos. Vocês são muito mais que simples amigas, foram irmãs que o destino me deu e que sou muito grata a Deus, de tê-las. Mais uma vitória, festa e comemoração para a nossa conta. Obrigada, obrigada e obrigada!! Essa vitória é tão minha, quanto de vocês! As amo.

Aos meus amores, Brenda, Mellina e Maylom quero dizer que vocês são parte essencial disso. Que me entenderam em cada parte difícil dessa caminhada, me dando força e coragem para enfrentar todos os problemas do dia a dia. A vocês, minha lealdade, amizade e todo amor do mundo. Amo muito vocês!!

Eliete, Neto e Suziane a vocês três, o meu agradecimento mais profundo. Por estarem ao meu lado em vários momentos. Por serem amigos tão zelosos, cuidadosos e carinhosos comigo. Minha admiração pelos três é gigantesca! Mil vezes obrigada!

Ao Paysandu, que me deu a família "Bicolindas" e consequentemente as meninas e amigas mais surreais que já se passaram na minha vida. Agradeço imensamente a todas e cada uma! Mas principalmente a Lara e Andressa, por terem me ajudado, apoiado e acolhido quando resolvi fazer parte desse projeto. Obrigada por tudo! E nessa família que é as "cheerleaders" do maior do norte, ganhei amigos também. E um dos mais especiais e parceiros foi o Thiago. Sannin, obrigada pela amizade e por cada

puxão de orelha, a “Padawan” te dedica essa conquista também.

Nesse caminhar, algumas pessoas que iniciaram tal missão contigo, não permanecem até o fim. E isso não faz delas menos merecedoras desse encerrar de ciclo. Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram e me apoiaram no início da faculdade e aquelas também que conheci durante até, mas que não estão mais presentes em minha vida. O meu muito obrigada!

A todos, o meu mais sincero “muitíssimo obrigada!”. Encerro esse ciclo com o ar de dever cumprido e com o intuito de tê-los deixado orgulhosos de mim.

“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente.”

Roger Von Oech

## RESUMO

Estudo sobre a transferência do saber tradicional entre pescadores artesanais de São João da Ponta, estado do Pará, com o objetivo geral de compreender como os pescadores artesanais adquirem e transmitem o tipo de saber tradicional que possuem domínio. Assim, procurou-se discernir como se dá a transferência informacional de gerações e os modos de preservação, as dificuldades, processo e resultados gerados desse modo de vida em São João da Ponta. Para tal, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e etnográfica a fim de melhor compreender os processos de transferência, preservação e memória cultural sobre a pesca artesanal. Através disso, apurou-se que o transcender desse saber se realiza por observação e oralidade através do contato do dia a dia, preservando a memória e conhecimento dos seus antepassados. Os resultados sugerem a real necessidade de proteção de tais memórias das ameaças que as cercam. Por fim, conclui-se que mostram-se as possibilidades que o tema destina a biblioteconomia.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional. Transferência da informação. Pesca.

## **ABSTRACT**

This work presents a study about the traditional knowledge transfer among artisanal fishermen from São João da Ponta, state of Pará. The objective is to contribute with the subject using information transfer. For such, bibliographic and ethnographic research was realized to better understand the processes of transfer, conservation and cultural memory of artisanal fishing. The results showed that the spreading of this knowledge is realized through observation and orality occurring everyday, preserving the memory and knowledge of their ancestors. The results suggest the real need in protecting those memories from threats. Finally, it is shown the possibilities that the subject provides to library science.

**Keywords:** Traditional knowledge. Information transfer. Fishing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Localização de São João da Ponta.....	28
FIGURA 2 - Cultivo de ervas medicinais, legumes, frutas e verduras na RESEX de São João da Ponta.....	31
FIGURA 3 - Pescador artesanal de São João da Ponta, em seu trabalho. Fazendo uso de um de seus equipamentos, que é a rede de pesca.....	33
FIGURA 4 - RESEX de São João da Ponta.....	35
FIGURA 5 - Identificação da RESEX de São João da Ponta.....	35
FIGURA 6 - Pescador artesanal no manguezal de São João da Ponta.....	36
FIGURA 7 - Pescador artesanal fazendo o uso de esponjas para o cuidado e mortalidade dos caranguejos. Que são comprados e transportados para restaurantes e mercados.....	37
FIGURA 8 - Basquetas. Novo meio de transporte dos caranguejos, adotado pela RESEX.....	37
FIGURA 9 - Venda de caranguejo no trapiche de São João da Ponta para os moradores da cidade.....	38

## LISTA DE SIGLAS

RESEX	Reserva Extrativista
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNAMA	Universidade da Amazônia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>COMUNIDADES TRADICIONAIS: SABERES LOCAIS</b> .....	17
2.1	Conhecimentos tradicionais de comunidades ribeirinhas.....	19
2.2	Tradição pesqueira: memória, usos e costumes.....	21
3	<b>TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO</b> .....	24
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	27
4.1	Área de estudo.....	28
4.2	Fases da pesquisa.....	29
5	<b>ENSINAMENTOS TRADICIONAIS EM SÃO JOÃO DA PONTA (PA) E RESULTADOS</b> .....	30
5.1	Comunidades pesqueiras.....	32
5.2	Uma reserva extrativista.....	33
5.3	Reserva Extrativista de São João da Ponta.....	34
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
	<b>APÊNDICE A - Roteiro de entrevista</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

A informação é caracterizada como uma ferramenta de mecanismo transformador do indivíduo e do seu âmbito coletivo. Tem o efeito de transformar ou reforçar o que é conhecido, ou julgado conhecido, por um ser humano (CENDÓN, 2005).

A palavra informação acarreta por si só um leque de possibilidades e ideias, o que possibilita a descoberta e exploração de diversos assuntos, métodos, serviços ou esferas tão pouco conhecidas e debatidas. Assim, seja na área da Biblioteconomia ou da Ciência da informação há uma grande possibilidade de falar em transferência da informação.

Os feitos da transferência devem atentar as formalidades e requisitos que permitam assim integrar as informações e suas formas de acesso aos veículos, assuntos, determinados públicos e contextos. Isso possibilita a criação de uma espécie de “pontes informacionais”, onde essas mesmas levarão aos assuntos procurados e desejados. Elas existem, mas ficam mais nítidas e notáveis quando procuradas e acessadas (FIGUEIREDO, 1979).

De acordo com Barreto (2005, p. ), a peculiaridade principal entre a comunicação e transferência da informação é a noção da percepção de acesso de um ponto a outro:

[...] na transferência da informação tem-se a ideia de deslocamento, uma mudança de dados de uma área ou meio de armazenamento para outra área ou meio de armazenamento [...]. Todas as intenções se orientam para o destino final: não basta atingir o receptor, há que criar conhecimento modificador em pessoas únicas. A transferência da informação distribui informação para formar um melhor conhecimento para o desenvolvimento da realidade.

A biblioteconomia por ser estudada e compreendida essencialmente com a informação, oferece a oportunidade de trabalhar com uma gama de assuntos. Criando elo com todo e qualquer tipo de questão, interligando a participação de vários ramos do conhecimento. Desde as bibliotecas e seus serviços de classificação, organização, conservação como também a esfera jurídica, a parte biblioterapia, as unidades de informação especializadas, informação ambiental e muitos outros. E sucede nessa perspectiva a transferência informacional na área.

Pode-se, portanto, trabalhar com muitos tipos de temáticas e objetivos, podendo enriquecer ainda mais o campo informacional da biblioteconomia, com a oportunidade e liberdade de trabalhar com o que haja identificação, independente do assunto.

De uma infinidade de áreas e ramos de conhecimento, o estudo em questão proporciona a possibilidade de trabalhar principalmente com os povos e comunidades tradicionais, definidos pelo Decreto Federal nº 6.040, artigo 3º como:

I – Povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, não paginado).

Para compreender ainda mais o estudo e as diferenças no modo de ser e viver do ambiente ribeirinho e a forma que se consolida os laços e traços próprios de convívio com o meio, na relação homem e a natureza e dos homens entre si se acentua que:

[...] no ambiente rural, especificamente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirinho com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita (FRAXE, 2004, p. ).

Ter a chance também de problematizar a questão da preservação dos conhecimentos tradicionais e como os sucessores lidam com isso com o passar de décadas. Como puderam carregar consigo todo o conhecimento, essa herança sem deixar nada para trás, como foi e é realizada essa transferência. Pontuando as formas que esses dados chegam ao “destino” seguro e se mantêm preservados para gerações futuras.

Como a transferência informacional se torna ferramenta precisa nesse contexto, ela se torna a chave do estudo. Reforçando com seu universo de propagação e registro de conhecimento como um determinado lugar caracteriza tanto os sucessores daquela terra, quanto para pessoas que venham se identificar com o estudo de herança cultural deixada do lugar.

O objetivo geral da pesquisa consiste em compreender como os pescadores artesanais adquirem e transmitem o tipo de saber tradicional que possuem domínio. Em finalidade específica, procura-se: a) discernir como acontece a transferência informacional de gerações; b) identificar os modos de preservação, as dificuldades, processo e resultados gerados desse modo de vida na terra em questão; c) indicar os perigos que cercam os conhecimentos tradicionais, por meio da análise em São João da Ponta.

Buscou-se contribuir com o tema sob a ótica da transferência da informação realizando-se pesquisa bibliográfica e etnográfica o processo de transferência da informação da pesca artesanal em São João da Ponta. E analisar as ameaças e riscos que traspassam na pesca artesanal e no processo de conhecimento desse saber. Com a contribuição de entrevistas e pesquisa de campo no lócus da pesquisa. A mesma está dividida em seis capítulos, onde na introdução a uma abordagem geral sobre informação, conhecimento e transferência da informação. A seguir no segundo capítulo, os conhecimentos tradicionais de comunidades ribeirinhas e seu universo. A passar pela transferência da informação no terceiro capítulo, onde a implementação do universo em questão ao processo de trocar do saber tradicional pesqueiro. A apontar no quarto capítulo a metodologia aplicada em toda a pesquisa e seguindo a divisão no quinto capítulo com os ensinamentos tradicionais em São João da Ponta. E por fim os resultados e considerações finais de toda a pesquisa proposta.

## 2 COMUNIDADES TRADICIONAIS: SABERES LOCAIS

As comunidades tradicionais são ricas em vivência, conhecimentos adquiridos e cultura. Cada indivíduo carrega consigo suas particularidades. Cada qual tem suas formas e características. O conhecimento tradicional destacado por Claude Lévi-Strauss é como uma “ciência primeira”, como aquela que não se desassocia, que não se separa (MORAES, 2016).

O autor ainda reforça que há uma construção de identidade das comunidades tradicionais desde que a vida se inicia. Algo que não pode ser evitado por ser muito natural. Os conhecimentos tradicionais transcendem através de gerações sem necessariamente precisarem dos meios metodológicos, seja para serem ensinados ou preservados. Sem a necessidade de recursos físicos propriamente. E possuem força suficiente para manter-se edificadas e consolidadas.

Como Leff (2001) pontua e que faz ponte com as comunidades tradicionais e saberes locais, é que o saber ambiental é o ponto de não conhecimento que impulsiona a produção do saber. Essa esfera por ser tão rica e forte eleva uma produção de conhecimento muito grande. E desperta curiosidade justamente por ser algo que vem de muito tempo e que se mantém viva até então.

Uma das muitas características das comunidades tradicionais, que é básica, é o fato de habitarem em áreas rurais. Onde se fazem dependentes dessa esfera natural para a produção e reprodução do seu modo de vida. Vivem a beira dos rios, igarapés, lagos e mar (DIEGUES, 2007).

Presente valor que as comunidades tradicionais possuem, é o merecimento e que dão a própria água. Cachoeiras, mares, lagos e igarapés são considerados como dádivas, considerando como um bem maior e de uso coletivo. E como Fraxe (2007) acentua a palavra ou termo “ribeirinho” denota àquele que anda pelas águas e rios.

Com a região amazônica é muito provável se deparar com saberes por vezes desconhecidos. Novos à frente aos ensinamentos escolares e que estão literalmente interligados aos conhecimentos científicos, alguns são adquiridos com o tempo, outros nascem com tais. E por meio da floresta e o espaço de meio ambiente, houve a marcação profunda desses elementos nas

populações sendo tradicionais ou não, atravessados por conhecimentos que ultrapassam décadas. Os saberes tradicionais são permanentes nas populações que viver na região amazônica (MORAES, 2016).

É nítida a diferença de vivência das comunidades tradicionais ribeirinhas ao centro urbano. Inegável a luta por espaço e identidade das comunidades todos os dias com seus saberes, memórias, usos e costumes. Há uma luta muito grande por seu espaço nas comunidades tradicionais. Por tudo que é da terra, sendo o espaço ou animais. Quase sempre houve os embates por direitos das terras ribeirinhas e há uma grande possibilidade de existir continuamente, pois tudo que há em abundância e fontes geram curiosidade com a possibilidade de exploração. Atualmente, a crise da biodiversidade vem sendo bem abordada, pontuando todo o rastro de ameaças que vem sofrendo. E que o que se declara é que as ameaças não têm precedentes na história humana e espécies nunca estiveram em tão pouco tempo, tão ameaçadas de extinção (MORAES, 2016).

Com as diversas reformas, decretos e leis que circulam na esfera ambiental, atualmente a garantia por preservação e respeito aos limites da terra é totalmente notável e felizmente hoje, são muito mais acatados que antes. E levando em conta toda a proteção que cerca os conhecimentos tradicionais, vale salientar como marco jurídico a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que foi estabelecida ao decorrer da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), feita no Rio de Janeiro em 1992. Em razão das discussões promovidas na CDB, foi dada importância entre muitas outras, para as áreas protegidas como espaços privilegiados para o espaço e conservação da biodiversidade (MORAES, 2016).

Muito há de ser feito ainda pelos conhecimentos e povos tradicionais. A conservação é a priorização de tudo justamente pela proteção dos conhecimentos gerados, juntamente do meio ambiente. Por oferecer através dela todo o cenário, ensinamentos e legado.

As populações tradicionais por fim podem ser caracterizadas pelo seu trabalho e a grande importância que dão ao seu habitat. Possuem noção que aquele espaço natural é de extrema importância para a subsistência pessoal e coletiva. Carregam também o conhecimento que há de haver sempre a ajuda mútua e coletiva da comunidade tradicional ribeirinha (CHAVES, 2001).

Os conhecimentos tradicionais possibilitam um acesso às mais diversas e variadas informações. Podem ser relacionadas desde as plantas medicinais, com o intuito para medicamentos ou alimentação, que por fim possuem suas particularidades, devido suas formas de produção próprias. E é por possuírem todos esses dados e informações tão ricos e pessoais, que é fundamental que saibam utilizá-los e os valorizem bem, pois representam de forma significativa um atalho para toda a indústria, seja em qual for a área específica da indústria (MORAES, 2016).

## 2.1 Conhecimentos tradicionais de comunidades ribeirinhas

O Brasil é um dos países de maior mestiçagem do mundo, onde negros, índios, asiáticos e brancos constroem misturando identidades e gerando o atual cenário do nosso país. É história brasileira esse contato de diversos povos, resultando as muitas riquezas e, conseqüentemente, as heranças deixadas.

Estudar e pesquisar o que um país como o Brasil possui em suas raízes é algo recorrente e desperta curiosidade. A comunidade ribeirinha é uma comunidade com mistura de saberes e conhecimentos com outros povos, uma das muitas esferas a serem trabalhadas no contexto de riquezas, pois há um rastro de sucessão e de memórias na sua história. São pessoas que não tinham acesso às comunicações e tecnologias que existem hoje, sem meios físicos e eletrônicos para deixar um legado, “apenas” sua sabedoria e conhecimento.

De acordo com Wagley (1988), as comunidades tradicionais são formadas pelos caboclos luso-brasileiros (ribeirinhos) e que participavam do seu meio como agentes ativos e que integram esse meio. Possuindo conhecimentos sobre ele e que acabam por construir uma relação íntima no fim.

São populações que detém o uso do espaço e dos recursos naturais do mesmo com o foco principalmente na estabilidade, conservação e permanência. Com uso intensivo da mão de obra familiar através de conhecimentos patrimoniais. Segundo Giddens (1991, p. 26 - 34):

[...] nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes.

A biodiversidade é o cenário no qual se desenvolve a evolução das habilidades das comunidades ribeirinhas. É na diversidade biológica que os seus saberes foram adquiridos e são propagados (MOREIRA, 2006).

Para Morin (2014), o povo ribeirinho se adapta e vive em realidades com limitações e desafios impostos pelas leis da natureza e da sociedade. Por isso tem uma relação próxima e específica com o meio ambiente e todos os seus ciclos e que influenciam e muito no seu modo de vida. Vivem as comunidades ribeirinhas da produção do seu trabalho específico. Com uma estrutura de produção trabalhada na própria população e usando dos seus meios disponíveis e delimitados pelo meio ambiente (MORAES, 2016).

Verifica-se que as comunidades vêm destacando cada vez mais a necessidade de desenvolver e consolidar as muitas formas de organização social. Identificando garantir um melhor acesso às políticas públicas e produzir medidas de desenvolvimento sustentável (MORAES, 2016).

Outra prática das comunidades ribeirinhas é o manejo dos recursos naturais. Um conhecimento próprio das comunidades e que não possui uma cultura de acumulação e exploração até a exaustão dos recursos, mas um equilíbrio direcionado a subsistência e promovendo a preservação (MORAES, 2016).

Pode se afirmar que as populações tradicionais se relacionam de forma tão íntima com a natureza, que reconhece seus segredos e propriedades, além disso, faz uso de todo esse recurso rico e exposto para viver transmitindo suas informações e valores por gerações (STEFANELLO, 2012).

Pensar em comunidades ribeirinhas remete a imagem que vivem de todo o processo cultural, econômico e social relacionado com os rios, florestas e a mata. Tem a possibilidade de se entender perfeitamente que as populações ribeirinhas também são populações tradicionais. Pois as comunidades tradicionais usufruem da natureza e seus ciclos, possuem uma forma de

subsistência própria e uma relação profunda com a natureza em si (DIEGUES, 2000).

Por fim relacionar as comunidades tradicionais aos povos ribeirinhos é pontuar os povos que dispõem dessa intensa relação do homem e natureza. De toda a experiência com a esfera ambiental e o que ela oferece.

## 2.2 Tradição pesqueira: memória, usos e costumes

Muitos são os conhecimentos tradicionais e um de muitos deles, é a atividade de pesca. O conhecimento tradicional pesqueiro é entendido como uma massa de práticas cognitivas e culturais, um conjunto de características próprias que formam a sua identidade. Além de um domínio de transferência informacional gigantesco, para que seja possível a transmissão oral nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida (GADGIL; BERKES; FOLKE, 1993).

A pesca é uma das atividades de maior importância para a humanidade. É fonte de subsistência, renda, lazer e comércio para as comunidades pesqueiras, podendo se artesanais, esportivos ou industriais (SILVA; SILVA, 2011).

O pescador em sua essência é aquele que aprendeu as artes da pesca com seus ancestrais e sofre infelizmente com a extinção deles por diversos motivos. Dentre alguns deles, a reformulação e atualização da conformação política do seu local de trabalho podendo ser delimitadas em reservas e leis trabalhistas. Apesar de todos os conflitos e dificuldades a tradição pesqueira continua sólida e propaga ainda mais conhecimento a cada dia. Pois a garantia por seus direitos continuam vivos e resistentes a mudanças sendo elas de ambiente ou de esfera técnica.

O conhecimento tradicional acontece principalmente pela via da oralidade e conforme assim, transcendendo memórias e conhecimentos em frente. Halbwachs (2006) pontua que a memória “é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos vários grupos sociais em suas histórias, o passado e presente”. Todos esses dados e conhecimentos fazem parte da esfera e área da educação ambiental, a pontuar toda a memória, usos e costumes de povos.

Conforme a lei Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, Art 1º, entende-se por educação ambiental, os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes, usos e competências voltadas para a conservação.

De todo esse universo que a pesca e área ambiental é, se destaca nesse meio, os pescadores artesanais. Que como Neto (2013) expõe, esses indivíduos, são aqueles que trabalham com seus meios próprios de produção, sozinho ou com a ajuda dos familiares ou ainda com parceria de outros pescadores.

Muito veio se aprendendo com o tempo e com o universo da pesca não seria diferente. Comparado a anos atrás, hoje a pesca abriga leis e regulamentos para que haja sempre um uso equilibrado de tudo que a natureza oferece. Como Neto (2013) acentua, é de importância fundamental para qualquer país o estudo e controle da atividade pesqueira. Isso permite a atividade e liberdade, mas com equilíbrio e, portanto, a necessidade de gestão de pessoas que conheçam do que é o mar e a pesca. Que se importem e lutem por tudo que a tradição e esfera pesqueira é.

Segundo Moraes (2007), as populações pesqueiras possuem como base de conhecimento os seus saberes tradicionais que vão se moldando de acordo aos seus meios disponíveis. Como o autor pontua, a pesca não ficar apenas a margem de conhecimento escolar ou metodológico, estes saberes decorrem de forma estreita entre o homem e a natureza. Conhecimentos que transcendem por gerações através da oralidade e práticas do dia a dia.

Para a maioria dos pescadores, a pesca é a sua principal renda. Dependem diretamente da atividade para complementar a alimentação, manter suas famílias e movimentarem a agricultura. Possuem dependência dos recursos pesqueiros de forma direta e quase que exclusiva para sobreviverem (MORAES, 2016). E como o autor ainda pontua, essa dependência os motiva a buscar sempre mais conhecimento da natureza.

Diferente do que se pode imaginar, os conhecimentos tradicionais pesqueiros não é algo parado no tempo. No seu decorrer, sofreu e ainda sofre alterações. Novos conhecimentos são entrelaçados e adequados aos antigos e transcendido por gerações futuras. Novos conhecimentos vêm surgindo a todo

tempo e são impulsionados por diversas ordens, desde a tecnologia a cultura. (MORAES, 2011).

Com todas as mudanças e novos conhecimentos a cada dia, a tradição pesqueira ainda encontra também muitos desafios e problemáticas no cenário atual, Miller (2002) observou que

da simplicidade das forças produtivas e um modo de ser naturalmente natural, vemos hoje o pescador numa praia diferente, tendo seus estilos de vida modificados, lidando com o turismo e outras formas externas de apropriação dos seus próprios espaços.

Apesar de todos os desafios e ameaças que permeiam a esfera pesqueira, ela se mantém consolidada. Cultivam e solidificam cada vez mais seu saber tradicional, por serem detentores desse conhecimento. É através da pesca que realizam sua subsistência e que vivem da forma como foram instruídos. E por fim, uma das principais características que mantém de forma viva toda essa esfera pesqueira e seu conhecimento tradicional, é um dos objetivos do Plano de Uso e Manejo dos Recursos Naturais, que é “oferecer às populações tradicionais alternativas de encontrarem subsistência a partir dos recursos naturais sem, no entanto, esgotá-los” (ICMBIO, 2009).

### 3 TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A transferência de informação possui a conotação de passagem, de troca e circulação. A produção do conhecimento, a percepção e a permuta que geram ainda mais informações. Contando também com o fluxo constante dos dados e noções que se modificam o tempo todo. A transferência informacional é como uma espécie de máquina que trabalha e produz um “produto” novo no mercado incessantemente. Projetada e entendida desde os séculos passados, a transferência informacional é uma ferramenta de construção do processo de saber dos indivíduos. A partir dela se tem a possibilidade de conhecer, agregar, enriquecer e trocar um dado na esfera informacional (FIGUEIREDO, 1979).

Como Figueiredo (1979) expõe, sempre existiu um sistema para a transferência da informação. Historicamente, nas épocas clássica e medieval, a transferência da informação entre os filósofos — os predecessores dos cientistas atuais — era feita, principalmente, por via oral; havia, contudo, troca de informação e conhecimento por meio de correspondência, sobre estudos sendo feitos e descobertas realizadas. O autor continua a pontuar que a transferência da informação envolve todos os meios importantes de comunicação, podendo ser ferramentas documentas ou não, comunicação oral ou contatos pessoais. Havendo assim uma disseminação de ideias para facilitar os diversos contatos pessoais.

Apesar de toda a esfera de transferência desse processo contínuo, existem barreiras nessa troca de informações. Desde resistências pessoais para a divulgação de dados, a inabilidades pessoais de expressão e sem esquecer que a falta de conhecimento sobre determinado assunto pode gerar toda uma visão errada e distorcida do objetivo proposto (FIGUEIREDO, 1979).

Para ajudar nesse processo que é a transferência informacional, está a biblioteca que tem papel de organismo vivo, pois é um centro de análise da informação e elemento chave no processo de transferência da informação. Isso possibilita uma rede de informações e dados a diversos destinatários, passando por todo e qualquer assunto que haja identificação. É uma espécie de ponte informacional que leva a conhecer o desconhecido até então (FIGUEIREDO, 1979).

Para Miranda e Simeão (2003), a realização da transferência da informação trata-se de uma coletividade de interpretantes, nas quais têm a função de partilhar os sinais propícios para a ação de comunicar, à medida que evoluem passam a gerar novos conhecimentos e novas interpretações do conhecimento adquirido em fase anterior. Determinam assim, que a informação pode ser diretamente comparada com conhecimento, no sentido de que quem possui a informação detém o conhecimento. A interpretar que a transferência da informação é um processo de troca de conhecimento entre partes interessadas de modo que haja uma parte que saia e envie a informação e outra parte para a decodificação do conhecimento recebido.

Abrangendo o domínio da esfera ambiental com a ajuda da área da transferência informacional, que é um dos principais objetivos da pesquisa, afirma Diegues (2005), que é de fundamental importância a transferência das informações e interesses pautados na relação cotidiana de uma comunidade a sinalizar singularidade do modo de relação do homem com a natureza. Conforme é notado para o autor, há impactos sofridos sobre comunidades tradicionais ribeirinhas:

[...] dada a importância vital que têm as águas dos rios para as populações tradicionais qualquer alteração de sua qualidade e quantidade resultante de impactos de atividades de grande escala, colocam em risco o modo de vida e a própria sobrevivência desses grupos humanos, causando sua marginalização, abandono forçado de seu território e sua transformação em populações marginais (DIEGUES, 2005, p. ).

Menou (ano, p. ) expõe um importante direcionamento para os países em desenvolvimento ao acentuar a transferência da informação:

estes países têm que reverter esta corrente estabelecida de transferência da informação e, começando das suas próprias necessidades, tradições, condições materiais e padrões culturais fazer o maior uso possível destas ferramentas existentes, de onde quer que ela; venham, a fim de projetar mecanismos eficazes para o compartilhamento e uso de conhecimento, desconsiderando as quinquilharias técnicas que os países mais avançados produzem, não importa quão modernas elas pareçam à primeira vista.

Com todo esse universo de informação, dados e conhecimento o compartilhamento da informação acaba se fazendo presente também. Segundo Lin (2007) o compartilhamento da informação pode ser definido como uma cultura de interação social, onde há a troca de dados, informações,

conhecimento e habilidades. Que o ato de compartilhar informação, nada mais é que tornar o conhecimento disponível para as pessoas.

Por vezes no compartilhamento da informação, nota-se o sentimento de reciprocidade, que é o fato de receber em troca. Juntamente encontra-se o fator que leva um determinado indivíduo a se inteirar em uma comunidade. E para que essa pessoa se torne parte disso, ela deve compartilhar a informação junto com aqueles que ali no grupo já estavam (COHEN, 1998).

Oferecendo uma infinita possibilidade de assuntos, a transferência da informação se torna ponto de extrema importância na pesquisa desse trabalho com intuito de dar ênfase em sua própria identidade. Que é a permuta de informações e ideias. Permitindo a conjuntura de sua transferência com a esfera da informação ambiental, com foco nos conhecimentos tradicionais.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no município de São João da Ponta, município paraense, que possui uma unidade de conservação na categoria de reserva extrativista marinha e que possui uma forte ligação com a atividade econômica da pesca no manguezal.

Nos meses de novembro e dezembro de 2016, foram realizadas entrevistas com o coordenador e presidente da RESEX de São João da Ponta, com intuito de conhecer e aplicar a pesquisa de campo na reserva. Ainda em novembro entrevistou-se o pescador e coordenador da RESEX João de Lima Coelho. E em dezembro de 2016 com o presidente da Unidade, Walter Luiz Jardim Rodrigues.

Para a completude da pesquisa, houve a realização prévia da pesquisa bibliográfica com o objetivo de identificar as mais variadas fontes de informação sobre conhecimento e conhecimentos tradicionais. Isso possibilita uma visão ampla e de melhor entendimento para pesquisa das etapas seguintes do estudo, com o intuito de levantar e localizar toda e qualquer informação sobre os assuntos que o trabalho iria abordar. É o início da construção preparatória e abordagem sobre aquilo que a pesquisa foi designada. Conforme esclarece Boccato (2006, p. ),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Posteriormente, e já pontuado, ocorreram duas visitas agendadas à reserva extrativista da cidade de São João da Ponta. Com a entrevista aos dois entrevistados e o processo de coleta de dados, foi possível assim realizar a pesquisa etnográfica que como confirma Appolinário (2007, p. ), a etnografia corresponde àquela que a finalidade é “[...] descrever e analisar as práticas, crenças e valores culturais de uma comunidade [...]”.

A etnográfica, com intuito de verificar entre os pescadores artesanais como se realizou a construção da herança de conhecimentos que possuem.

Pois como existem variedades de pesca como a de peixe, siri, camarão, caranguejo, há a oportunidade de explorar vários “universos” em um só, levantando a pesquisa através de visitas e pesquisas ao local. Com anotações, gravações e capturas de imagens também.

Com a abordagem qualitativa houve a obtenção e processamento de dados com as entrevistas realizadas. A realização do contato direto do entrevistador e o entrevistado, conseguindo expor toda a perspectiva do processo. Segundo Minayo (1995, p. ),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A fase final contou com a captura de imagens autorizada. Por concluir assim, todas as fases da metodologia divididas e planejadas. Com o complemento da análise e apresentando o objetivo e problematização proposto na pesquisa.

#### 4.1 Área de estudo

O lócus da pesquisa é São João da Ponta, município brasileiro do nordeste do estado do Pará. A população é estimada em 5.884 habitantes, com uma área de 196,9739 km<sup>2</sup> (SÃO JOÃO DA PONTA, 2016). Se situa a 15km a sul-oeste de Curuçá a maior cidade dos arredores (Imagem 1).

Imagem 1 – Localização de São João da Ponta.



Fonte: Mapa... (2017).

O nome do município transfigura-se de uma denominação dada por próprios moradores como “pontas de abas” aos terrenos desenhados junto aos meandros (curvas) do rio. Neste caso, o rio Mocajuba que banha a frente da cidade de São João da Ponta. O nome então surgiu da união entre o nome do santo de devoção local, que é o São João Batista e essa ponta de terra onde se instalaram os primeiros moradores. E assim surgiu o nome São João da Ponta. Esse espaço “pontas de abas” pertenceria a Marinha e hoje estão incorporadas ao uso da Reserva Extrativista Marinha (RESEX) de São João da Ponta que é um dos instrumentos principais do estudo a ser realizado<sup>1</sup>.

A RESEX de São João atualmente possui parcerias com algumas universidades. Como a Universidade da Amazônia (UNAMA), Mauricio de Nassau, Universidade Federal do Pará (UFPA) e a pouco tempo com a UNESCO. Vem crescendo e ajudando muito a todos. Um dos projetos que mais chama a atenção é denominado “Jovens Protagonistas” que são as crianças e jovens sucessores e detentores de todo o conhecimento tradicional relacionado à pesca do lugar. Assistem palestras sobre os mais variados assuntos. Desde a preservação do meio ambiente e pesca artesanal sustentável até palestras e fóruns sobre a violência contra as mulheres no campo, florestas e várzeas (SÃO JOÃO... 2017).

#### 4.2 Fases que ocorreram na pesquisa

Pesquisa dividida em quatro fases:

- a) Fase 1 – levantamento bibliográfico e construção do referencial teórico;
- b) Fase 2 – pesquisa de campo, com coleta dos dados junto à comunidade pesqueira de São João;
- c) Fase 3 – tratamento dos dados, com transcrição das entrevistas realizadas;
- d) Fase 4 – análise dos dados coletados, observando-se o que já está publicado sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

## 5 ENSINAMENTOS TRADICIONAIS EM SÃO JOÃO DA PONTA (PA) E RESULTADOS

O lugar de pesquisa do trabalho obtém a ajuda de um povo muito rico. Com abundância natural e de saberes tradicionais. Um povo que vem de uma emancipação do município de São Caetano de Odivelas, no qual lutaram e conseguiram independência de seu espaço, mantido até hoje.

Cidade caracterizada principalmente pelo modo de vida pesqueiro, onde muitas famílias viveram e vivem dessa prática. Como a pesca se tornou a principal característica do lugar, levou oportunidades para a cidade que antes não chegavam a sequer ser possibilidade. Como a instalação de uma RESEX (reserva extrativa) no local e conseqüentemente a regularização da profissão de pescador artesanal. Obtendo assim a segurança de uma aposentadoria.<sup>2</sup>

Com as duas entrevistas e abordagens feitas, é nítido o reconhecimento dos pescadores que foram um dia resistentes a implantação de uma reserva extrativista na cidade, de que atualmente, seria muito provável a inexistência do manguezal e de toda flora característica do lugar.

Com a instalação de uma reserva na cidade, hoje quase todos os limites do lugar são respeitados. Contudo, não alcança o êxito, em razão de ainda haver pessoas que não usufruem de forma correta, como é o caso dos pescadores não cadastrados na RESEX, que qualificam que o propósito da reserva seria modificar os seus saberes tradicionais. Que estariam transformando e impondo limites em si.

Entretanto, é possível citar um exemplo de mudança extremamente positiva percebida na pesquisa, foi o caso da “Andada”. Entende-se por essa atividade, o período reprodutivo em que os caranguejos machos e fêmeas saem de suas galerias (tocas) e andam pelo manguezal/mangue, para o acasalamento e liberação de ovos. Esse período, antes da RESEX, era a melhor época de captura no local, pois os caranguejos se tornavam muito mais fáceis de serem capturados. Depois da reserva em São João, isso foi praticamente abolido. Houve a proibição, pois, a prática estava ocasionando a queda cruel e brusca no número desses crustáceos na cidade. E atualmente, o

---

<sup>2</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

número desses animais cresceu de forma considerável e com melhor qualidade. Assim, uma melhor evolução nas vendas e maior lucro para os pescadores<sup>3</sup>.

Além do enfoque principal da cidade, que é a pesca, há também o grande domínio e cultivo de plantações de ervas medicinais, legumes, frutas e verduras. Existe na reserva atualmente uma plantação de mais de 80 especiarias (Fotografia 2). Não só para o alimento das crianças, jovens e palestrantes que se capacitam através das palestras e cursos na RESEX, mas também para o benefício de toda população. É oferecido gratuitamente remédios e todo e qualquer tipo de planta que lá existe. Pois não há nada exclusivo, um uso ou motivo direcionado. É um bem da comunidade. A reserva extrativista é de todos, um bem comum<sup>4</sup>.

Fotografia 2 - Cultivo de plantações de ervas medicinais, legumes, frutas e verduras na RESEX de São João da Ponta



Fonte: Autora, 2017.

São João da Ponta vive na esfera pesqueira uma fase próspera. Apesar dos percalços e desafios, os Pontenses adequaram-se à RESEX e usufruem de todo o cenário afortunado presente.

---

<sup>3</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

<sup>4</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

## 5.1 Comunidades pesqueiras

Populações tradicionais que possuem um conjunto de conceitos e conhecimentos produzidos pelos mesmos. Desfrutam de sua relação com o meio ambiente aquático (marinho, lacustre, fluvial). A viver do seu conhecimento sem precisar necessariamente de todas as taxonomias existentes ou a ajuda de equipamentos de última geração, ou estudos até para conhecer os períodos favoráveis e adequados de pesca de cada ser do meio aquático (MOREIRA, 2006).

Berkes (1993) define o conhecimento de comunidades pesqueiras como um conjunto cumulativo de saberes e crenças transmitidas culturalmente através gerações sobre a relação dos seres vivos (inclusive os humanos) entre si e com seu meio-ambiente.

Pela adequação e regularização da profissão de pescador artesanal, pode haver a divisão de categorias como foi percebido na entrevista realizada, mostrada no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de pescador artesanal

<b>Pescador artesanal - Categorias</b>		
<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
Pescador que vive exclusivamente da pesca. Que vive na cidade e usufrui da área da RESEX.	Que não vive da pesca em si. Obtém outros meios de trabalho inerente ao meio pesqueiro.	Que raramente pesca. Dificilmente usufrui. Explora por lazer e conhecimento. Devolve os animais capturados.

Fonte: Pescador 1. Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

Como exemplifica Diegues (1983), o pescador artesanal se caracteriza, não por depender exclusivamente da atividade da pesca, e sim por dominar os métodos de pesca e de todos os conhecimentos indispensáveis para o sucesso da pescaria (Fotografia 2).

Fotografia 3 - Pescador artesanal de São João da Ponta, em seu trabalho. Fazendo uso de um de seus equipamentos, que é a rede de pesca



Fonte: Autora, 2017.

Os pescadores Pontenses passaram por muitas adequações no decorrer do tempo. E a RESEX foi responsável por isso. Desde seus equipamentos como rede e canoas, até a sua forma de pescar e todo o respeito ecológico que aprenderam foi a missão que a RESERVA se propôs a melhorar desde o início<sup>5</sup>.

## 5.2 Uma reserva extrativista

A RESEX é, por definição, uma Unidade de Conservação (UC) destinada à exploração autossustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações tradicionais extrativistas (Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC) (MARTINS, 2010).

Reserva extrativista é uma área empregue por populações extrativistas tradicionais e segundo as unidades de conservação do Brasil, é de domínio público, com uso concedido às populações extrativistas tradicionais, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. A Reserva será gerida por

---

<sup>5</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

um Conselho, o Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade. A visitação pública é permitida, desde que compatível com os interesses locais e de acordo com o disposto no Plano de Manejo da área. A pesquisa científica é permitida e incentivada, sujeitando-se à prévia autorização do órgão responsável pela administração da unidade, às condições e restrições por este estabelecida e às normas previstas em regulamento<sup>6</sup>.

Com a pesquisa e questionários semiestruturados houve a possibilidade de notar sob a ótica dos pescadores da cidade o que é uma RESEX para os mesmos, a missão e o planejamento. Os benefícios e a evolução que a reserva trouxe para o lugar.

### 5.3 Reserva Extrativista de São João da Ponta

O processo de criação da Reserva extrativista de São João da Ponta – RESEX SJP partiu do interesse da maioria dos pescadores locais. Em 1996, um técnico do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais – CNPT deu partida a uma operacionalização de várias reservas, como as de: Curuçá, Santarém Novo, Vigia, Maracanã. Marapanim, Magalhaes Barata, São Caetano de Odivelas, Quatipuru e a de São João da Ponta. O pleito foi finalizado e enviado ao poder federal em 2002. Das nove comunidades em processo, apenas as de Curuçá, Santarém Novo, Maracanã e São João da Ponta finalizaram o processo (MARTINS, 2010).

Ela foi criada por meio do Decreto S/N de 13 de dezembro de 2002 e um dos principais argumentos era a degradação ambiental. Sob a ótica dos Pontenses, os pescadores e familiares não teriam mais o peixe e outros animais para alimento e sustento. Foi de entendimento geral que seria a alternativa mais viável no momento para tentar impedir a devassidão que estava em processo.

---

<sup>6</sup> Fonte: Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

A mesma possui no seu espaço territorial a predominância do ecossistema do manguezal. Este ecossistema, segundo a Lei 4.771/65 (Código Florestal), representa Áreas de Preservação permanente (APP), não edificante. As comunidades usuárias moram no entorno, nas áreas de terra firme. Para essas comunidades, a unidade de conservação representa uma grande área de produção. Hoje a reserva abrange uma área de aproximadamente três mil, duzentos e três hectares e vinte e quatro centiares (3203,24 ha) e um perímetro aproximado de cento e trinta e um mil, duzentos e sessenta e oito metros e oitenta e oito centímetros<sup>7</sup>.

Fotografia 4 – RESEX de São João da Ponta.



Fonte: Autora, 2017.

Fotografia 5 – Identifica cação da RESEX de São João da Ponta.



Fonte: Autora, 2017.

---

<sup>7</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

Apesar de exercerem variados tipos de pescas, o objetivo principal nas RESEXs, é o de desenvolver e aprimorar a pesca artesanal de caranguejo-uçá. É o elemento de identidade entre os pescadores de caranguejo das RESEXs marinhas do Pará<sup>8</sup>.

Fotografia 6 – Pescador artesanal no manguezal de São João da Ponta



Fonte: Autora, 2017.

Com o intuito de melhoramento e execução de sua mão de obra, os pescadores cadastrados na RESERVA de São João, receberam diversas formas de capacitação. Uns dos muitos exemplos é que trabalham hoje com a confecção adequada de materiais, e a execução de extensão pesqueira sobre o transporte sustentável dos animais capturados. O caranguejo-uçá é um dos modelos de maior melhoramento que houveram na pesca da cidade. Desde a hora da pesca ao transporte<sup>9</sup>.

Em seus serviços atuais, utilizam esponjas para manter a hidratação dos animais até seus destinatários, que são restaurantes e mercados cadastrados na RESEX. E também promoveram um melhor transporte para

---

<sup>8</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

<sup>9</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

mercadoria, que além de contarem com as “esponjas d’água” contam agora com as “basquetas”. Que diferente dos meios antes usados, atualmente são espécies de caixas de plásticos onde são armazenados para a viagem os pedidos, juntamente com as esponjas para todo o cuidado da mercadoria<sup>10</sup>.

Fotografia 7 – Pescador artesanal fazendo o uso de esponjas para o cuidado e mortalidade dos caranguejos. Que são comprados e transportados para restaurantes e mercados



Fonte: Autora, 2017.

---

<sup>10</sup> Pescador 1: Entrevista realizada em São João da Ponta, dez. 2016.

Fotografia 8 – Basquetas. Novo meio de transporte dos caranguejos-uçá.



Fonte: Autora, 2017.

Os pescadores Pontenses além de reservarem parte de seu trabalho para o consumo próprio e também para que seja vendido através da RESEX para restaurantes e mercados, continuam em suas vendas para os moradores da cidade após a pesca.

Fotografia 9 – Venda de caranguejo no trapiche de São João da Ponta para os moradores da cidade



Fonte: Autora, 2017.

É inegável o salto que ocorreu na pesca na cidade. A forma que os jovens e adultos aprendem a trabalhar com a pesca atualmente. Pois apesar de compreenderem de uma forma diferente de antes, todo o ensinamento ainda vem de seus pais, avôs e bisavôs. Usam de instrumento os conhecimentos deixados, mas com o diferencial que agora estão sendo bem capacitados. Respeitando o ambiente, os animais, deixando uma herança muito rica e fazendo parte das gerações de forma mais saudável e sustentável.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propõe contribuir e enriquecer a área da biblioteconomia através do conhecimento tradicional. Espera-se cooperar também com a área da transferência da informação em permeio a um tipo de saber que é tão rico e que possui características tão fortes. Pois o conhecimento tradicional é feito e transferido por meios não metodológicos convencionais. Transmitido especialmente por observação e oralidade.

Logo, a trabalhar a problemática dos desafios que cercam o conhecimento tradicional pesqueiro. Artíficos e ajuda para combater as ameaças constantes nessa esfera.

Um dos principais objetivos do trabalho foi a valorização do conhecimento do pescador artesanal. A pesquisa tem como tema o processo e relação desse saber e atividade tradicional a ser praticada em uma área de reserva extrativista. A análise de mudanças ocorridas desde a transferência informacional no ambiente familiar, até chegar a reserva. E o entendimento sobre como o desenvolvimento sustentável foi aplicado nessa esfera também.

Analisou-se a realização com a RESEX, sobre a produção e comercialização conjunta da mão de obra dos pescadores Pontenses. Que mesmo com todas os avanços e melhorias nítidos na mão de obra pesqueira da cidade, percebe-se ainda, que há uma resistência da população e de alguns pescadores à reserva. Contudo, os mesmos admitem que talvez hoje, não existisse mais o manguezal e nem peixes suficientes para o consumo e trabalho dos habitantes na cidade sem a implantação da RESEX a anos atrás.

Houve uma melhor preservação da flora que antes era explorada sem todos os cuidados devidos, como também dos conhecimentos tradicionais passados por gerações, que hoje são preservados e disseminados de forma muito melhor através de projetos, cursos e aulas a todos. E que ainda conta como palestrantes, os próprios filhos da terra que são os pescadores com mais experiências do local. A reserva também ajudou a conceder a oportunidade de regulamentação da profissão de pescador artesanal em São João e assim a garantia de aposentadoria dos mesmos.

Muitos foram os pontos da pesquisa e um dos principais junto com a valorização do pescador artesanal, foi a do ambiente familiar de pai e filho. A captura, troca mútua e espontaneidade existente na transferência da informação na esfera pesqueira. Com êxito a apurar a continuidade desse saber tradicional familiar nos dias de hoje. O que mudou em relação ao passado, e como ocorre a troca desse saber no transcender de gerações hoje. A conseguir descrever e analisar todo o processo do passar desses anos até chegar aos benefícios gerados dessa troca, pois como acentua Moraes (2016), o saber tradicional é algo imutável nas populações que vivem na região amazônica. E que pode ser levado e ensinado de forma diferente até nos dias atuais, mas é algo que nunca vai deixar de existir e que não terá sua essência mudada. Faz parte da história de cada pessoa das populações tradicionais ribeirinhas. Que como Moraes (2016) pontua e reforça, o conhecimento tradicional não se desassocia, que não se separa.

Por fim, a compreender os processos pelos quais o conhecimento tradicional é percebido e trabalhado na vida frequente dos detentores desses saberes. Meios e fatos a conseguir garantir a transmissão dos conhecimentos aos seus sucessores sem qualquer tipo de bloqueio imposto pela sociedade e mudanças constantes do dia a dia.

## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.
- BRASIL. Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2007.
- BARRETO, A. de A. **A informação e o cotidiano urbano**. (Relatório apresentado ao CNPq). Ibict/ECO, 2005.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro; SILVA, Elane Cristina da. **Exclusão Social na Amazônia**. 2007. (texto digitado).
- CENDÓN, B.V. Sistemas e redes de informação. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.45-75.
- DIEGUES, A. C. et al. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USPA, 2000.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **O processo de transferência da informação**. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 119-138.1979.
- FOSKETT, D. J. **Serviço de informação em bibliotecas**. Trad. de Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1969.
- FRADE, Ana Cristina Morado Nascimento et al. **GESTÃO ESTRATÉGICA DA INFORMAÇÃO: a distribuição da informação e do conhecimento**. In: GESTÃO ESTRATÉGICA DA INFORMAÇÃO, 1., 2002, Minas Gerais. Artigo. Minas Gerais: Ufmg, 2002. p. 2 - 17.
- FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. **Indigenous knowledge for biodiversity conservation**, in *Ambio*, v. 22, n. 2-3, 1993.
- Giddens, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. **Disseminação da informação e usuários**. In: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 1., 2003, São Paulo. **Artigo**. São Paulo: Spp, 2003. p. 26 - 34.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MAPA de São João da Ponta. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/São+João+da+Ponta+--+PA>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

MARTINS, Almira Alice Fonseca Araújo. **Caminho das águas: proposta para o aproveitamento de um subproduto ictiológico na reserva extrativista Mãe Grande de Curuçá, Pará, Brasil**. Belém: NUMA/UFPA, 2010.

MENOU, M.J. Cultural barriers to the International transfer of Information. **Information Processing & Management**, v. 79, n. 3, p. 121-29, 1983.

MILLER, Francisca de Souza. **Barra de Tabatinga: terra do povo, mar de todos: a organização social de uma comunidade de pescadores do litoral do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2002 MILLER, Francisca de Souza. **Pescadores e coletoras de Patané/Camocin: aspectos da adaptação humana aos manguezais do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec / ABRASCO, 1992.

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Conhecimentos tradicionais: discussões e desafios**. Belém: NUMA/UFPA, 2016.

MOREIRA, Eliane. **O DIREITO DOS POVOS TRADICIONAIS SOBRE SEUS CONHECIMENTOS ASSOCIADOS À BIODIVERSIDADE: AS DISTINTAS DIMENSÕES DESTES DIREITOS E SEUS CENÁRIOS DE DISPUTA**. In: MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, 1., 2006, Pará. **Artigo**. Belém: Centro Universitário do Pará, 2006. p. 309 - 332.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação**. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, n. 22, p. 37-50, Editora UFPR. jul./dez. 2010.

Política Nacional de Educação Ambiental - **Lei nº 9795/1999**, Art 1º.

**São João da Ponta**. Disponível em: <<http://geppam.blogspot.com.br/p/sao-joao-da-ponta-pa.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

Simeão E, Miranda A (2003). **Comunicação Extensiva e a linguagem plástica dos documentos em rede**. Em *Organização e Representação do Conhecimento na Perspectiva da Ciência da Informação*. Brasília, Brasil. pp. 179-209.

**Mar Sem Fim**. Disponível em: <<http://marsemfim.com.br/resex-arraial-cabo/>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

**Sócio ambiental**: Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/uso-sustent%C3%A1vel/reserva-extrativista>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

## APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

- Em que ano ocorreu a instalação da RESEX em São João da Ponta?
- Qual a motivação real da instalação da reserva na cidade?
- Quais foram os pontos negativos e positivos com a “chegada” da instituição na cidade?
- Acontece algum tipo de “revisão” superior na mesma? Se sim, qual periodicidade?
- Há cargos de “presidente” e “vice-presidente”? Se sim, com ocorre a eleição?
- Quais as parcerias que a reserva obtém atualmente?
- Quanto e quais projetos em andamento?
- Há palestras e minicursos na unidade?
- A partir de qual idade pode assisti-las?
- Como ocorre o processo de cadastro de pescadores na reserva? E qual número de cadastrados atualmente?
- Há algum tipo de estática de pesca por pescador? Números?
- Como ocorre o processo de aposentadoria da categoria de pescadores artesanais com a ajuda da RESEX?